

sua vida antes e depois do seu encontro com Cristo, e podemos, sobretudo, evidenciar os dados mais significativos que, de cada um, podem ter repercussões na nossa própria vida, sobretudo enquanto que andamos, nós próprios, em caminho de procura.

A alusão do título ao «fogo da montanha» é uma referência à sarça ardente de Ex 3, um «fogo que não se consumia», com um Moisés fascinado por ela e por ela irresistivelmente atraído, acabando por se deixar possuir todo inteiro pela grandeza, pelo mistério e pelo fascínio de Deus.

A selecção destes sete convertidos – inevitável se tornou para ele seleccionar – obedece, no essencial, ao facto de que todos eles podem dizer-nos algo, a nós homens e mulheres de hoje. Entre eles, encontram-se ensaístas e novelistas leigos (Chesterton, Papini e Graham Greene), uma filósofa, religiosa carmelita, vinda do judaísmo (Edith Stein), uma actriz de variedades (Eva Lvallière), o fundador dos Irmãozinhos de Jesus (Charles de Foucauld) e um que colaborou na fundação do movimento apostólico HOAC (G. Rovirosa). Todos têm em comum o serem inconformistas, buscadores, que, uma vez tocados por Deus, o tomaram a sério. Sendo verdade que todos eles foram – eram – pecadores. Atrás de si deixaram a terra árida, estéril, espiritual e existencialmente desoladora, do ateísmo, do agnosticismo ou da indiferença religiosa. E todos eles viveram o «depois» da sua conversão no seio da Igreja, que sabiam santa e pecadora, em face da qual se mostraram por vezes críticos, mas a qual amaram e serviram com toda a energia das suas vidas.

Ler estas biografias torna-se uma ocupação ao mesmo tempo gozosa e fascinante. E, sem dúvida, que não nos deixa ficar indiferentes. Que bem que pode

fazer um livro como este, num tempo em que reina a mediocridade espiritual, em descrentes como também, cada vez mais, em tantos crentes. E em que as referências modelares para a vida – como os próprios nomes dos recém-nascidos – são, em regra, procuradas nos ídolos do futebol ou da canção ou do cinema ou da telenovela. Que bom seria, para tantos, oferecer-lho como presente (de anos, de Natal ou por qualquer outro motivo)!

Enriquecendo o conteúdo geral do livro, cada biografia encontra-se complementada por uma bibliografia, activa e passiva, do respectivo biografado.

JORGE COUTINHO

ESPIRITUALIDADE

MORENO, DE BUENAFUENTE, Ángel, **Desiertos. Travesía de la existencia**, col. «Espiritualidad», Narcea S. A. de Ediciones, Madrid, 2009, 168 p. 210 x 135, ISBN 978-84-277-1650-6.

Este é um texto muito interessante, de espiritualidade testemunhal e reflectida, sugestivo pela forte carga simbólica, que o autor quis escrever e oferecer a quantos queiram partilhar da sua própria experiência de vida. Escrito por ocasião dos seus quarenta anos de sacerdócio, Ángel Moreno, que tem sido, todo esse tempo, capelão e pároco em Buenafuente del Sistol (Guadalajara), teve a feliz ideia de, para exprimir e testemunhar essa experiência espiritual e pastoral, assumir o simbolismo da vida que se desvela nos quarenta anos da travessia do deserto pelo povo hebreu (sem excluir outras quarentenas referidas na Bíblia). O livro torna-se interessante até

no aspecto formal, pois quarenta são as reflexões nele exaradas pelo autor.

Na verdade, múltiplas e variadas são as coincidências da sua experiência de vida como pastor à frente de uma porção do povo de Deus (como Moisés conduzindo o povo de Israel). Experiências que podem ter muito em comum com as nossas próprias. Delas D. Ángel Moreno dá testemunho, sempre na pressuposição de que, como outrora também, a mão de Deus está por detrás de todas as peripécias e situações. É assim que põe diante do leitor amigo, lendo-as e reflectindo-as à luz

da Bíblia, as suas experiências de solidão, silêncio, vertigem, medo, despojamento, tentação, noite, orvalho, natureza, busca, oração, oásis, espera, confiança, graça, surpresa, amizade, comunhão... e, por cima de tudo, do amor de Deus ou do Deus-Amor.

Este é, pois, um livro de espiritualidade encarnada e viva, um testemunho e um auxílio, que – e tendo em conta, por acréscimo, o presente Ano Sacerdotal – se recomenda a todo e qualquer sacerdote, em especial aos que têm cura de almas.

RAUL AMADO